

MEMÓRIA RESUMIDA DA REUNIÃO DO CAMPO SOCIOAMBIENTAL

14 de agosto de 2012 - Salão Paroquial da Igreja Episcopal Anglicana – Brasília/DF

PAUTA

1. Fortalecimento do FBOMS como “rede das redes” – articulando agendas
2. Como fazer? Como acompanhar, permanentemente, a agenda socioambiental?
3. Organizar encontro de 2 dias do FBOMS ainda este ano que responda as seguintes perguntas:
 - a) Quem somos?
 - b) Qual nosso propósito?
 - c) O que o mundo de hoje nos convida a fazer?
 - d) O que podemos oferecer de melhor?

CONTEXTO

Rubens Born fez resgate de antecedentes recentes e de longa data sobre articulações e diálogos, de relevância no campo socioambiental, mas ressaltou que a conversa tinha como pauta o olhar para o futuro. FBOMS foi criado em 1990 para articular organizações da sociedade civil, organizando a agenda da Rio-92. A convivência e contatos no âmbito do FBOMS proporcionou o surgimento, em 1992 e depois, de diversas redes temáticas (Rede Mata Atlântica, Rede Cerrado, etc). O FBOMS serviu como espaço para diferentes organizações e temas ao longo de sua história, através de seus GTs, conquistando espaços em colegiados de discussão de políticas públicas. O FBOMS tomou a iniciativa de chamar redes e organizações, quase dois anos antes da Rio+20, para propor a criação de uma articulação transitória, então denominada Força-Tarefa da Sociedade Civil para a Rio+20. Das reuniões preliminares e consultas com redes, organizações e movimentos, participou da formação, em novembro de 2011, do Comitê Facilitador da Sociedade Civil (GA-CFSC). Esse Comitê teve uma instância de “coordenação” (denominada de GA – Grupo de Articulação) e teve ainda uma secretaria, da qual o FBOMS fez parte por momentos importantes. Nas últimas décadas, as redes mais focadas tiveram e têm papel fundamental e conquistaram êxitos importantes (ex: rede de ONGs da Mata Atlântica e a lei da mata atlântica), mas a fragmentação da agenda desarticulou também as organizações. No último encontro nacional do FBOMS (em junho de 2011) foi discutido e deliberado sobre estratégias e linhas de atuação para lidar com a necessidade e funcionalidade dessa rearticulação, valorizando redes e grupos de trabalho existentes, por um lado, e valendo-se de agendas como a Rio+20, o debate sobre o marco regulatório de organizações da sociedade civil. Um passo importante foi dado com oficinas no Fórum Social Temático, seguido das oficinas durante o mês de junho, para lidar com temas comuns e ligados à Rio+20, ou seja a governança e a questão de sustentabilidade e convivência digna nos biomas e territórios. Diversas organizações também fizeram uma análise sobre a agenda socioambiental do Governo Dilma, em abril, havendo discussão na tenda do FBOMS na Cúpula dos Povos, durante a Rio+20. Como superar as dificuldades para a discussão dessa agenda? Quais são as novas formas de atuar? A agenda da sustentabilidade não é exclusiva das organizações socioambientais. Renovar e conviver, respeitando o acúmulo de cada organização, rede, campanhas. Olhar p/ trás, para resgatar erros e acertos, para construir o

futuro. A situação brasileira não está fácil (marco Regulatório – desmonte de políticas e legislação ambiental, etc). Organizar p/ dentro, para articular p/ fora. Como dar continuidade a essa agenda da convivência de biomas e territórios, integrando também as agendas urbanas.

DESTAQUES DO DIÁLOGO QUE SE SEGUIU

Questões para reflexão

O que é ser socioambiental?

Quem são nossos aliados?

Os movimentos sociais *stricto sensu*, os movimentos urbanos, os movimentos urbanos e outros estão fazendo esta análise de conjuntura?

Qual o nível de alcance social necessário para transformarmos as questões socioambientais em políticas públicas?

Como chegar à sociedade?

Quem está aqui?

Quem falta estar aqui?

Qual o melhor formato para fazermos essas discussões, para que cada rede possa trazer o que tem de melhor, suas experiências, e que possibilitem a construção de uma agenda comum?

Estamos aqui com os jovens de 1992, 2002 e 2012, como serão os jovens de 2022?

Como os ruralistas se fortalecem tanto, e nós nos enfraquecemos?

O foco é só discutir as questões, ou também transformar a realidade?

Onde estão nossas convergências?

Onde estão nossas divergências?

Qual a perspectiva de unidade?

Contexto político e social

Gênese da crise do campo socioambiental é a segmentação das agendas.

Agenda socioambiental tem pauta negativa dentro do Governo.

Relações de forças devem ser consideradas.

Três retrocessos do Governo: agenda socioambiental, agenda sindical e retrocesso na reforma agrária (contexto favorável para agregar os diferentes movimentos em torno de uma posição de sociedade civil, e não partidária).

O “social” justifica tudo, mas a agenda social não é contemplada nas ações de Governo.

Retrocessos e enfrentamentos em nível internacional apontam a necessidade de nos integrarmos à sociedade civil internacional.

Necessidade de ocupar, com firmeza, os espaços de controle social.

Organizações e segmentos em diferentes níveis de articulação e estrutura, que variam de uma atuação mais vinculada a denúncias a outra com foco na construção de políticas públicas.

A questão social está espremida nesse mundo de grande acúmulo de riquezas por poucos e da escassez dos recursos naturais.

Código Florestal é um exemplo de agenda: enquanto a campanha em defesa das florestas tinha foco no legislativo, os movimentos sociais *stricto sensu* estavam junto, mas quando o foco se voltou ao executivo, houve um “travamento”.

É a diversidade que fortalece o campo socioambiental.

Discussão do Marco Regulatório expressa a criminalização da crítica, a falta de democracia.

A bandeira comum que nos une é a transformação civilizatória profunda, para a sustentabilidade.

Decisões políticas tomadas neste momento (obras do PAC, por exemplo), têm consequências a médio e longo prazo, que demandam nossa atenção, reflexão e ação.

Ativismo e cidadania, hoje em dia, não dependem de ongs!

Momento de obsolescência programada de conceitos – quando a sociedade começa a compreender um conceito, ele é trocado por outro (ex: conceito de segurança alimentar sendo “atualizado” para justiça alimentar).

Desafios para o FBOMS / campo socioambiental

Rótulo de movimento burguês, dissociado das questões sociais, e que às vezes é legitimado por nós mesmos.

Somos uma articulação independente, nem situação, nem oposição.

Não há corte ideológico, mas sim de princípios que nos agregam.

FBOMS precisa se dar conta dos grupos sociais que agrega, empoderando e dando visibilidade a eles (ex: GT Educação Ambiental articulando coletivos jovens de SC e SP)

Como articular as redes temáticas com os GT's do FBOMS?

Como o FBOMS vê os espaços de controle social?

Não estabelecer hierarquia entre as redes, mas sim fazer do FBOMS: (1) um espaço de discussão política consistente, para formação e fortalecimento político para as grandes lutas socioambientais; (2) um espaço para reflexão e avaliação das transformações estruturais no

Brasil e no mundo; (3) que sua coordenação tenha caráter de articulação e facilitação, mais do que representação e tomada de decisão.

GTs: como agregar indivíduos que têm interesse nas discussões? Perfis diferentes de agenda (mobilização, político, técnico) geram diferenças no seu funcionamento. Utilizá-los como espaço de formação, qualificando as discussões, colocando na mesa experiências e divergências sobre diversos temas, como PSA, por exemplo. Garantir autonomia.

O que o FBOMS significa para as organizações filiadas?

Qual o compromisso das organizações filiadas com o FBOMS?

É necessário popularizar o FBOMS.

Promover o aprofundamento de discussões como a mercantilização dos bens comuns, Economia Verde, REDD, PSA, debatendo seu mérito, sem preconceito.

Além de GT's, se fazer mais presente na base, através de articulação nos Estados, fomentando as filiadas para a organização de plenárias e articulações regionais.

Reproduzimos a mesma lógica que criticamos, competindo por espaços e recursos; fortalecer as organizações é fortalecer as redes.

Devemos pensar em um planejamento estratégico, para além da agenda reativa.

Investir na formação de novos agentes políticos.

Necessidade de atualização da agenda (ex: pauta dos movimentos pela diversidade sexual).

A juventude pode ser a responsável pelo futuro, mas todas as gerações precisam estar envolvidas na discussão, na reflexão e nas estratégias.

Refletir sobre os novos instrumentos para organização e construção, como as redes sociais (ex: articulação da Cúpula Peixeira para a Rio+20, feita pelo Facebook)

ENCAMINHAMENTOS

1. Encontro (político / agenda atualizada)

GT Composição – REBEA, RMA, GT EA AGENDA21, IDS

Data: nov/2012, em BSB

Qual a pauta? O encontro deve ter objetivos bem estabelecidos, e um eixo norteador que contribua para agregar a diversidade (ex: planejamento territorial). Não esquecer de pautar o Marco Regulatório! A discussão deve ser organizativa, mas também estratégica. Devemos enfrentar as questões polêmicas. Quem convidar? Temos as redes e todos os movimentos citados nesta discussão.

2. Plataforma para os municípios

FBOMS deve apoiar a plataforma das Cidades Sustentáveis e da SOS Mata Atlântica.

3. *Plataforma sustentabilidade para o Brasil, pensando em 2014.*

Com base no documento elaborado em 2008 e outros marcos posteriores (ex: carta sobre os retrocessos socioambientais, documento final da Cúpula dos Povos, etc), pensar em uma Plataforma Socioambiental, que seja, além de um documento, um instrumento que possa ser monitorado.

4. *Apoiar a viabilização da sistematização dos conteúdos da tenda socioambiental e Caminhão da SOS Mata Atlântica na Cúpula dos Povos*

Garantir que as discussões promovidas pelas organizações e redes do campo socioambiental durante a Cúpula dos Povos fiquem registradas.

5. *Relatório da reunião do dia 14 para a coordenação do FBOMS*

A coordenação deve avaliar como encaminhar as questões de cunho operacional e político do FBOMS, visto que foram discutidas muitas pautas específicas do fórum nesta reunião, com organizações que não são filiadas.

6. *Articulação em defesa ao Código Florestal*

O FBOMS deve estar permanentemente engajado na campanha em defesa das florestas e seus desdobramentos.

Informes

Discussão para criação de uma coalisão antinuclear em Brasília – mais informações com Pedro Ivo.

Fórum Social em Defesa da Palestina, em novembro, em Porto Alegre - mais informações com Pedro Ivo.

7º Encontro dos Povos do Cerrado, em Brasília, 12 a 16 de setembro, com foco em discussão sobre as dificuldades do acesso às políticas públicas, como PNAE e PAA – mais informações com Lara e Renato.

Campanha “Não vote em quem votou contra as florestas”, mês de setembro, direcionada aos deputados e senadores que são candidatos à Prefeito e que se posicionaram contra as florestas durante as discussões do Código Florestal - mais informações com Ivy e Bazileu.